



O jardim de cerejeiras

TCHEKHOV

GRUPO DIVULGAÇÃO
******* 21 HORAS *******
FORUM DA CULTURA
QUARTA A DOMINGO
OUTUBRO NOVEMBRO

AUSPÍCIOS UFJF - FUNALFA

Centro de Estudos Teatrais
Grupo Divulgação
apresenta

O jardim de cerejeiras

TCHEKHOV

**FORUM DA CULTURA
QUARTA A DOMINGO
OUTUBRO NOVEMBRO**

AUSPÍCIOS UFJF · FUNALFA

O JARDIM DE CEREJEIRAS, UMA CONVOCAÇÃO

O jardim de cerejeiras é a última peça de Anton Tchekhov, encenada por Stanislavski em 1904 — ano da morte do dramaturgo. Mas não é uma peça melancólica, e sim o “rasga coração” de um cerejal que, nas palavras do próprio encenador, “cresce pela sua beleza, para os olhos de estetas mimados. Destruí-lo é uma pena, mas é preciso fazê-lo pois assim o exige a economia da vida”. Por isto Olga Obry e Pontes de Paula Lima, seus tradutores, substituíram o lacônico *O cerejal* pela visão do jardim, cuja função estética não se reduz ao enfeite desnecessário, nem ao proveito utilitarista, mas cumpre uma necessidade de absorção da seiva ancestral para que possa, então, cortar as raízes, prosseguir sem aprisionamentos regressivos, mas com a presença da voz de todos os servos (almas vivas negociadas) que o cultivaram para seus senhores.

Por isto é o descendente de um deles o único capaz de tomar a si a tarefa de transformá-lo, destruindo-o sem desalento, e com isto marcando um novo tempo a surgir. O tempo de *O jardim de cerejeiras* é um tempo transitivo, incompleto, ainda falsamente delineado. Os únicos caminhos nítidos são as alamedas conhecidas entre as árvores — um passado que já não frutifica, não alimenta os vivos, pois a receita está perdida, as engrenagens defeituosas enferrujadas. O presente pretende quase repeti-lo, apenas dividindo privilégio e cedendo aos “veranistas” o espaço e os hábitos dos aristocratas falidos, para que a ascendente burguesia negociante possa ter lucro. A verdadeira missão do futuro é ainda uma visão ideal que se divide entre a teoria do velho estudante e a página em branco da jovem Ânia que começa a descobrir a vida.

É uma peça de personagens e de temas. Por entre as árvores do pomar imaculado esvoaçam fantasmas evocados de infância. Ali o caminho entre a felicidade e a desgraça é uma passagem estreita. Sonho e realidade se fundem em imagens alternantes que servem de contraponto a um clima sempre estranho, um diálogo descosturado como as conversas do dia-a-dia inerte, uma passividade obsessiva que mascara a incapacidade de agir construtivamente. E por trás de tudo o grande tema da transformação que começa a se delinear sem que se possa distinguir, ainda seus contornos.

No meio do túnel escuro e estreito as personagens colidem desastrosamente, com suas lanternas de pouco alcance. Os remanescentes da antiga ordem aproximam tanto o fogo de seus olhos que se ofuscam e chegam a se esquecer da escuridão. Entretanto, a cada tremular da chama a denúncia de seu extermínio está presente. Os que nele se miram como exemplo acabam por fazer quase a mesma coisa. Tomam o ilusório pelo verdadeiro e permanecem estagnados sem encontrar a saída. É o próprio trabalho subterrâneo de escavação de alicerces que une a teoria do estudante velho, Piotr Trofimov à ação prática, de fim lucrativo do bem sucedido negociante Vermolai Lopakhin, o grande vitorioso temporário. Entretanto é na figura oscilante de Ânia que o verdadeiro futuro pode se inscrever. É em sua juventude que a liberdade pode encontrar a folha em branco de que necessita para desatar-se dos laços anteriores.

Cada um deles tem uma visão própria daquele cerejal: infância feliz, pura, des- preocupada, refúgio contra a desgraça, contra o sofrimento ainda que no seio da pró- pria tragédia para Liubov; resqúscio da glória aristocrática para Gaiev; lar, abrigo fa- miliar para Vária; resgate de uma origem servil para Lopakhin; microcosmo da Rússia, do mundo, para Piotr. Entretanto, nenhum deles, a não ser Lopakhin, têm realmente o que fazer com ele. Seus olhos embaçados pela nova luz desconhecida do progresso que chega, irremediável, não são capazes, sequer, de extrair de sua própria lembrança uma lição para o futuro.

O presente é o da falência, da ruína, da falta de perspectivas. E ele foi cons- truído pelo esbanjamento, pela falta de ação prática, pela omissão. É um presente muito próximo ao nosso. O peso da hipoteca, o alto preço dos juros, a guilhotina, en- fim, que paira sobre a cabeça daquelas personagens fora-de-tempo, paira também so- bre nós. É muito pequena a distância entre a palmeira e a cerejeira.

Aí está a grande força da obra: seu diálogo histórico, seu alto teor poético ga- rantido pelo aval de uma construção estética de alicerces fincados na realidade huma- na. Aí está a oportunidade de sua encenação: retirar do subterrâneo a voz sutil do poeta e iniciar aqui e agora, uma reflexão paralela aos grandes gestos enfáticos que a manchete dos jornais nos proporciona diariamente. Uma reflexão em profundidade que permita traçar o primeiro esboço de uma consciência mais consistente para o fu- turo, e nos impeça de trilhar caminhos já trilhados iludindo-nos com as alterações que próprio tempo impôs à paisagem.

O que Tchekhov parece nos propor nesta peça não é a solução fácil, nem o abatimento melancólico. Pelo contrário, nos parece nítida sua tomada de partido pelo trabalho sofrido em prol do progresso, mas sem a ilusão de fórmulas salvadoras, ou pas- ses de mágica. A crise é um processo doloroso, dilacerante como o parto, mas é preci- so passar por ela para que uma nova vida se instale; do contrário é melhor não plan- tar, pois sem o trabalho de cultivo nada germinará. E nada, também, mais exaustivo do que este trabalho: nele o olhar deve estar sempre atento ao céu e à terra, ao ideal e à sua concretização.

A palavra do poeta é muito clara: "Estamos atrasados pelo menos dois séculos. Não temos nada, nem mesmo uma opinião sobre nosso passado. Só sabemos filosofar, queixar de um vazio na alma ou então tomar vodka. No entanto é tão claro que para viver no presente é preciso apagar o passado, saldar as dívidas do passado e essas dívi- das só se pagam com o sofrimento, com um trabalho extraordinário, incessante, sem trégua!" É a este resgate que convida o ruído dos machados que destróem o jardim de cerejeiras que cada um dos espectadores plantou em si como aval para suas fugas, suas omissões ao trabalho de transformação. Estaremos dispostos a descruzar os braços, arregaçar as mangas, empunhar o machado, ou apenas assistiremos chorando a devas- tação enquanto esperamos o trem para a cidade vizinha?

UM ESPELHO INVERTIDO

Anton Tchekhov é um escritor que trabalha essencialmente no movimento in- terior do conflito, centrando sua trama na contraditoriedade do ser humano, sem re- vesti-lo com os recursos, freqüentes na dramaturgia, de se instalar nos extremos: ou os grandes gestos heróicos, ou a exemplariedade de um falso anônimo, visto que o simples status de personagem o tira da indignância. Pelo contrário, reverte a noção es- tereotipada de que a ação se fundamenta no movimento evidente, para penetrar no universo escondido - e tão mais humano - da dinâmica interior, celular mesmo, da qual só percebemos indícios, sinais, lapsos reveladores de sintomas de corrosão oculta.

Tudo se constrói sem grandiosidade, sem a exploração constante da retórica, mas na transparência nacarada da bolha de sabão que, uma vez formada se esvai, con- fundindo-se com o ar e guardando de si apenas a lembrança efêmera de um sentimen- to de deslumbramento. Seu discurso teatral é mais revolucionário do que a forma que o sustenta, e, por isto mesmo, usa a forma como uma espécie de trampolim para o salto. Não há necessidade de romper estruturas, visto que elas nada mais são do que o invólucro de um conteúdo precioso; a eterna condição de transitoriedade da socieda- de e dos homens.

A palavra econômica, banal, a réplica mais corriqueira está carregada de senti- do revelador, pois a vida não se mostra nas manchetes, mas alimenta a explosão noti- ciada numa falsa rotina que, por sua vez, é enganadoramente repetitiva. O próprio si- lêncio, o cifrado da linguagem, e sobretudo o contraste de situações, o intercalamen- to de climas, a aparente fragilidade de suas personagens são suas armas mais podero- sas. Ali se encontra o verdadeiro sentido da história: neste presente sempre mascarado de soluções adiadas, quer no pragmatismo que mira o futuro e se lança a seu encon- tro, como se pudesse precipitá-lo; quer numa nostalgia profunda que se enraíza num passado que, na realidade, é apenas a lembrança que alimenta o sonho desesperado de iludir o tempo que escorre irremediavelmente.

Não há, em sua postura dramática, qualquer apologia: passado e futuro se equivalem, exatamente no ponto em que são álibis do presente. A única componente de certeza é a busca constante do homem, sua luta sem tréguas e revestida dos mais diferentes instrumentos, na busca da felicidade. Tudo é metonímico, é construção simbólica que se serve da parte, do traço, da sugestão, para deixar ao interlocutor - o espectador - o desvendamento do todo. Tudo é a liberdade do diálogo palco/pla- téia, sem um vestígio sequer do autoritarismo que seria exigir dele uma resposta imediata e uniforme para o universo tornado espetáculo.

O que é um jardim de cerejeiras? A lembrança de um tempo feliz, puro, infan- til, assim como um oásis de paz que se refletisse no branco rosado, onde nem o verde das folhas interfere? O símbolo de uma glória diluída no emaranhado da história que

segue em frente sem registrar o indivíduo transformado em cifra? Uma área de terra valiosa cujo arrendamento paga as dívidas dos bancos sem apagar as cicatrizes do corte, como se arrancando raízes vegetais se pudesse arrancar também as raízes do tempo irreversível? Ou o florir que anuncia o fruto futuro para o qual as personagens jovens se preparam com todo o temor de repetir os mesmos erros confundido com a esperança de bani-los sem a consciência do alicerce que sustentou essa mesma esperança?

O que pretendem aqueles fragmentos de vida que se revelam mais pelo que calam do que pelo que contam? Certamente nenhum deles existe sem o contraponto do outro - e nesta interpenetração reconstruem na mímesis dramática uma recriação da sociedade de sempre. Uma sociedade que não se repete, mas se reconhece quando sua identidade é a eterna chancela da transição. Não temos ali seres acabados, temos esboços em evolução - temos seres humanos - matéria prima do social. Da antiga aristocracia captamos o contraditório dos hábitos, apenas estereótipos comportamentais que nada dizem e se desmentem no momento em que a emergência da realidade desfaz a maquiagem e ela se revela para além do luxo, do esbanjamento compulsivo, herança de um passado. Da intelectualidade, o confronto angustiante de teoria e prática que tanto contagia o seu "servo", transformando-o em nostálgico compêndio, quanto o eterno estudante-professor que se debate entre a idéia e o gesto. Dos "vencedores na vida", daqueles que, com seu trabalho, se lançaram para além do destino de servo, a consciência da servidão e o modelo dos amos decaídos. Somente a força da vida predomina, e esta não se classifica, pois mesmo os servos continuam na servidão da cópia ou na identificação única com sua função.

Triste engano o daqueles que só conseguem enxergar em Tchekhov um autor de música de câmara. Descaminho fatal o dos que o tentam catalogar no realismo psicológico. Perda irremediável a dos que só o ouvem como uma sinfonia nostálgica. Tchekhov é um grande equilibrista. É um dramaturgo, sim, dos meios-tons, do colorido embaçado, mas envolto numa falsa névoa cuja finalidade maior é deixar falar em liberdade o espectador. Trabalha na corda bamba da ironia, do discurso indireto, ambíguo, onde os sentidos restritos decolam para os vôos mais arrojados. Sua obra diz o evidente, mas se define no oposto escondido. Precisa da compreensão dupla: a do primeiro plano, da trama sem acontecimento, construída sobre uma aparente oposição passado/futuro; e a do segundo plano, o da dinâmica histórica na qual estamos tão comprometidos que sequer paramos para analisar, o do presente que escorre entre nossos dedos por demais esticados na tentativa de alcançar o futuro, ou nos despirmos do passado, do ultrapassado.

Ter como tema o eterno presente - tempo privilegiado do teatro - é um risco sempre iminente. Porque nos ensinaram que passado é o que ficou e futuro é o que virá, do presente só temos noções estáticas ou de verdade universais (como se elas existissem), enfim, o presente, para nós, é sempre um blefe. Do que já foi guardamos

lembranças boas ou más; para o futuro dirigimos nossos álibes e nossas esperanças; mas o agora é sempre uma sucessão de tarefas cuja utilidade não captamos com o devido peso e disfarçamos em cotidiano. Dele só exigimos o que não nos pode dar: opções definitivas, engajamentos perpétuos. Mas sabemos, por mais que nos queiramos enganar que o hoje é o que restou incompleto do ontem e o amanhã será sempre um recolhimento dos resquícios de hoje. É olhar no espelho e reconhecer que a cada nova ruga corresponde uma experiência inarredável. E isto, só suportamos se pudermos nos dar ao luxo do sorriso que aflora do discurso irônico que Tchekhov faz com extrema habilidade, recordando a realidade e unindo o grotesco das partes desconexas com as quais compomos nossas fugas.



**O
jardim de
cerejeiras**
TCHÉKOV

**GRUPO DIVULGAÇÃO
..... 21 HORAS
FORUM DA CULTURA
QUARTA A DOMINGO
OUTUBRO NOVEMBRO**

"Pensar que a literatura tem como finalidade descobrir as pérolas e mostrá-las livres de qualquer impureza equivale a rejeitar a literatura."

(Tchekhov)

"Prepara-se uma formidável tempestade, que avança sobre nós, que já está próxima, que em breve soprará sobre nossa sociedade, para varrer dela a preguiça, a indiferença, a podridão do tédio, os preconceitos contra o trabalho."

(Tchekhov - As três irmãs)

TCHEKHOV SOB O OLHAR DE STANISLAVSKI

(Excerto de *Ma vie dans l'art*, de Constantin Stanislavski)

A representação das peças de Tchekhov não se descreve: é impossível. Seu encanto não está no diálogo, mas no que ele esconde, em seus silêncios, nos olhares dos atores, no brilho de sua vida interior. Os objetos inanimados, os sons, o cenário, o aspecto físico do personagem, tudo concorre para criar o estado de alma que emana do espetáculo. A intuição e o sentido artístico representam aqui o papel principal.

Para penetrar na obra de Tchekhov é preciso proceder a uma espécie de escavação. Isto, que é verdadeiro para toda obra artística de elevada alçada espiritual, o é muito particularmente no que concerne a Tchekhov. Não existem outros meios de abordá-la. (...) A alçada poética de uma peça de Tchekhov não se revela na primeira abordagem. (...) Acontece mesmo que um conhecimento mais aprofundado da obra decepcione o leitor. A fabulação, o assunto? Eles se resumem em duas palavras. Os papéis? Muitos bons papéis, mas nenhum desses grandes papéis que são o verdadeiro empenho dos atores. Retém-se palavras, cenas isoladas ... Apenas, eis o que é bizarro: a peça nos persegue e por mais que se pense nela, mais se deseja pensá-la. Relê-se uma vez, duas vezes - e se começa a descobrir o mineral escondido.

Aconteceu-me de representar centenas de vezes o mesmo papel nas peças de Tchekhov, e cada vez isto me fez descobrir em mim sentimentos novos, e na obra mesmo profundidades e nuances insuspeitáveis.

Tchekhov é inesgotável; ele finge representar o cotidiano, mas na realidade, para além das contingências e do particular, é o Humano, com maiúscula, que ele trabalha.

É porque sua concepção da vida futura do mundo não é nem mesquinha, nem buíguesa, mas, muito pelo contrário, vasta, grande, toda banhada de ideal; seu sonho permanecerá, sem dúvida, irrealizável, mas o objetivo a atingir, está lá: alta cultura do espírito, Alma Universal e não mais "dois metros quadrados" para o homem, porém toda a terra; assim seria, em toda a sua beleza, esta vida nova para a qual duzentos, trezentos, mil anos de trabalho, suor, sofrimento prepararão a chegada.

Tudo isto pertence ao domínio do eterno: não se saberia aproximar sem emoção.

Nas peças de Tchekhov a ação não é exterior; na própria passividade das personagens esconde-se uma ação interior complicada. Tchekhov provou, melhor do que qualquer outro, que a ação cênica deve ser compreendida por dentro; a obra dramática não deve ser construída senão sobre a vida profunda das personagens, depurada de

todo elemento pseudocênico. Enquanto a ação exterior diverte, distrai, ou mesmo toca os nervos, a ação interior apenas se apossa de nossa alma, por uma espécie de contágio e a conduz. É preferível, evidentemente, que as duas ações coexistam, estreitamente fundidas. A obra ganhará em amplitude e em força dramática. Mas é à ação interior que pertence o primeiro lugar.

Eis porque erram aqueles que representam em Tchekhov "a situação" e que não apreendem senão o aspecto superficial dos papéis, sem penetrar em sua vida profunda. O essencial aqui é a alma das personagens.

Não se trata de interpretar, representar Tchekhov; é preciso ser, quer dizer, viver, existir, seguindo, por assim dizer, a via principal da alma tomada em suas profundezas. A potência de Tchekhov é feita de efeitos os mais diversos, muitas vezes inconscientes. Ora ele é impressionista, ora simbolista, e quando é preciso, realista, até frisar o naturalismo.

Ele manipula a verdade exterior em igualdade com a verdade interior. Melhor que qualquer outro, ele sabe utilizar e fazer viver o acessório inanimado, o cenário, a iluminação. Ele aumentou e refinou o conhecimento que tínhamos da vida dos objetos, da luz, de tudo o que no teatro, como na vida, age tão fortemente sobre a alma humana. Crepúsculo, por-do-sol ou nascer do sol, chuva, tempestade, primeiros cantos dos pássaros matinais, barulho de cascos sobre a ponte, ruído de uma viatura que se afasta, a hora que soa, cri-cri do grilo, toque de sino - de tudo isto Tchekhov se serve, não para obter efeitos cênicos, mas para nos revelar a própria vida do espírito. (...)

... Afirma-se, ainda hoje, que Tchekhov é o poeta do cotidiano, dos homenzinhos grisalhos e que suas peças são uma triste página da vida russa testemunhando a estagnação espiritual do país. Insatisfação inata paralisando prematuramente todo esforço, desespero matando a energia, horizontes abertos sobre o tédio eslavo, tais seriam os temas de sua obra dramática.

Ora, este julgamento está em contradição flagrante com minhas lembranças pessoais. Eu me lembro de um Tchekhov corajoso e sorridente, muito mais do que um Tchekhov carrancudo, e no entanto eu o conheci nos períodos mais duros de sua doença. (...) E, depois, não notastes que, durante a execução das peças de Tchekhov a platéia ri? Ela ri um riso claro e alegre como não se escuta em outros espetáculos. E quando Tchekhov aborda o vaudeville seus galanteios atinge uma irresistível bufonaria.

Seria, evidentemente, ridículo negar que a época de Tchekhov não fosse totalmente estranha à nossa época e às gerações nascidas da revolução. A Rússia moderna, a Rússia revolucionária cuja enérgica atividade se aplicou em destruir os antigos fun-

damentos da vida, não pode aceitar nem compreender a inércia dos anos 1880 que foram mornos anos de passividade e de espera.

Este estado não era favorável aos impulsos revolucionários. Mas em alguma parte sob a terra, no subsolo, preparava-se, acumulava-se forças para as transformações futuras. O trabalho dos precursores se reduzia então em preparar os espíritos, em sugerir idéias novas, em denunciar a mediocridade ambiente. Tchekhov foi um desses. Poucos escritores souberam descrever tão bem a atmosfera irrespirável de então e achincalhar a banalidade dos dias.

Um dos primeiros, ele compreendeu que a revolução era inevitável, e isto numa época em que percebia-se apenas seus primeiros germes, e enquanto a sociedade continuava a se entregar a todos os excessos. Ele foi o primeiro a apertar a campainha de alarme. Quem, senão ele, compreendendo que os tempos estavam revoltos e que a antiga vida estava condenada, estava posta ao abate como o belo cerejal florido?

Mas talvez a arte de Tchekhov seja delicada demais para o homem moderno. Para representar hoje sobre o palco a idéia revolucionária é preciso empregar efeitos de teatro violento, declarações ameaçadoras. Tchekhov usa-as de outra forma. Mas sua obra não é menos persuasiva, e sua influência não é menos forte.



"Ninguém compreendeu tão lúcida e finamente como Anton Tchekhov a tragédia das trivialidades da vida; ninguém antes dele mostrou aos homens, com tão impiedosa verdade, o retrato terrível e vergonhoso de suas vidas, no turvo caos da existência cotidiana da burguesia."

(Gorki)



Para sua maior comodidade reserve seu lugar pelo telefone: 212-3850.

DIVULGAÇÃO:

Roteiro de um trabalho

— 1966 —

- Fundação do Centro de Estudos Teatrais, órgão destinado a estudar e divulgar a cultura artística e teatral e desenvolver o gosto pelo teatro na juventude, principalmente nos meios estudantis.
- "AMOR EM VERSO E CANÇÃO" - Primeiro espetáculo aberto ao público. Coleção de poemas de Jorge de Lima, Vinícius de Moraes, Pablo Neruda, Carlos Drummond de Andrade e Olavo Bilac. Espetáculo que apresenta recursos cênicos nunca antes utilizados, em Juiz de Fora, com projeções e montagem em arena. Estréia no dia 7 de julho no auditório da Escola de Laticínios Cândido Tostes e depois na sede do Diretório Acadêmico Tristão de Ataíde.
- Grupo Divulgação participa da 11ª Semana Juiz-forana de Folclore com a apresentação de um "ESTUDO DRAMÁTICO DA FILOSOFIA POPULAR CONTIDA NO POEMA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETTO" - "Morte e Vida Severina", realizada no mês de agosto.
- Semana da Comunidade em Tabuleiro - Montagem enfeitando a obra de Carlos Drummond de Andrade "O HOMEM DO SÉCULO XX". O espetáculo foi apresentado no mês de outubro e posteriormente, na Faculdade de Filosofia e Letras da UFJF.
- Primeiro lugar no Festival de Arte da UFJF, com o poema "OS SAPOS", de Cassiano Ricardo, no mês de outubro.

— 1967 —

- Ciclo de estudos sobre a Tragédia Grega com a leitura de "Antígona" e "Electra", de Sófocles.
- Terceira Semana Juiz-forana do Folclore, apresentação dramática de "CANCIONEIRO DE LAMPIÃO", baseada no poema de Nerthan Macedo, adaptado por José Luiz Ribeiro e musicado por Sueli Costa, realizada no mês de agosto.
- Espetáculo "Antologia da Mulher" e "O Urso", de Anton Tchekhov, no mês de outubro. Engloba em sua primeira parte textos de Salomão, Sófocles, Garcia Lorca, Brecht, Drummond e Jorge Andrade.

- Estudos de "Bodas de Sangue" de Federico Garcia Lorca, e promoção nos estabelecimentos de ensino secundário, de incentivo às atividades dramáticas dos estudantes, dirigindo a montagem de "Canção para uma princesa", peça didática sobre a história de Juiz de Fora, de autoria de José Luiz Ribeiro e da peça infantil "A Gata Borracheira", de Maria Clara Machado, em dezembro.

— 1968 —

- Ciclo de palestras sobre Federico Garcia Lorca.
- Montagem de "BODAS DE SANGUE" de Lorca - temporada em julho, no Salão do Círculo Militar.
- Curso básico de teatro com as seguintes disciplinas: Evolução e Comunicação do Espetáculo; Técnica Vocal; Dicção e Expressão Vocal; Expressão Corporal; numa promoção com a Faculdade de Filosofia e Letras da UFJF, de agosto à dezembro.
- Ciclo de estudos sobre Teatro Russo, em especial sobre a obra de Máximo Gorki, em comemoração ao centenário do grande dramaturgo, contando com a participação do ator Luiz Linhares, que apresentou seu testemunho como integrante da montagem de "PEQUENOS BURGUESES", pelo Grupo Oficina de São Paulo, realizado em dezembro.
- Início dos trabalhos de montagem de "ELECTRA", de Sófocles. Apresentação em setembro, contando com uma exposição didática montada no hall do teatro e formando um painel do Teatro Grego e dos grandes trágicos.
- Participação no Festival de Arte da UFJF realizado em outubro, recebendo primeiro e segundo lugares no setor individual e primeira colocação no setor Grupos, com o poema de Afonso Romano de Sant'Ana, "POEMA PARA MEGDAR EVERS".
- Ciclo de palestras sobre cultura teatral, juntamente com o Instituto Granbery com os temas: O teatro na escola secundária; As raízes do teatro grego; O texto dramático, realizado em março.

— 1969 —

- Montagem do espetáculo "DIÁRIO DE UM LOUCO", de Gogol, em adaptação de Rubem Rocha Filho, de 23 a 28 de abril.

- Montagem de "PEQUENOS BURGUESES", de Máximo Gorki, recebendo, em sua estréia em agosto a presença de Rubem Rocha Filho que proferiu palestra sobre o teatro de estudantes e sua missão cultural.

- Curso sobre cultura teatral com os seguintes temas: O teatro grego; A montagem teatral; O teatro na escola; A comédia; A tragédia e o drama. Breve visão da história do teatro.

— 1970 —

- Em colaboração com o Instituto Granbery, realização de palestras sobre: A comunicação do espetáculo; O gênero dramático; O espetáculo teatral, no mês de março.
- Ciclo de estudos sobre a obra de Dürrenmatt, contando com a leitura de "Os Físicos" e "A Visita da Velha Senhora", no mês de abril.
- Ciclo de estudos sobre o Teatro; no Colégio Nossa Senhora do Carmo, realizado no mês de maio, com as seguintes palestras: Evolução do Teatro; O Gênero dramático; A caracterização no teatro; A importância da expressão vocal; O texto dramático; O teatro infantil.
- Estréia de "A VISITA DA VELHA SENHORA" de Friederich Dürrenmatt, na Casa D'Itália, em junho.
- Ciclo de estudos sobre o teatro Francês e a obra de Molière, visando a montagem de "Escola de Mulheres", no mês de agosto.
- Estréia de "ESCOLA DE MULHERES", de Molière, em novembro na Casa D'Itália.
- O Grupo Divulgação recebe em dezembro do Prêmio Municipal de Teatro os seguintes troféus: Melhor Grupo, pelo trabalho de difusão cultural; Melhor Ator; Melhor Diretor; Melhor Ator Coadjuvante; Melhor Figurino; Melhor Espetáculo e Prêmio Atriz Revelação.

— 1971 —

- Curso sobre Valores do Teatro para universitários, em março.
- Montagem de "Escurial", de Michel de Ghelderode, em abril no Salão do antigo Forum.

— Apresentação de "ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA", de Cecília Meireles, espetáculo em praça pública, apresentação em 31 de maio, abrindo oficialmente o MERCARTE, promovido pelo DCE-UFJF.

— Apresentação de "MARIA STUART", de Friederich Von Schiller, de 2 a 11 de outubro, precedida de estudos sobre o Romantismo Alemão e as obras de Goethe e Schiller. A estréia contou com a presença do Embaixador Paschoal Carlos Magno, que viera a Juiz de Fora para conhecer o trabalho do Grupo.

— Realizado em dezembro o VIII Festival de Teatro Amador da Guanabara promovido pela Associação do Teatro Amador com o espetáculo "CANCIONEIRO DE LAMPIÃO" de Nerthan Macedo, recebendo a segunda colocação com apenas um ponto de diferença do primeiro colocado, conseguindo os seguintes troféus: Troféu João Caetano (referente a classificação na chave OT), Troféu João Barbosa (direção), Troféu Cacilda Becker (atriz), Troféu Jaime Costa (ator), Troféu Calixto Cordeiro (figurino), Troféu Santa Rosa (cenário), Troféu Glauce Rocha (destaque de coro e direção musical).

— 1972 —

— Montagem de "A MORTA", de Oswald de Andrade. A peça estreou em Juiz de Fora inaugurando o Forum da Cultura, da Universidade Federal de Juiz de Fora, com a presença do Embaixador Paschoal Carlos Magno, em temporada de 30 de julho a 6 de agosto.

— I Encontro Nacional de Teatro Jovem promovido pelo governo do Estado do Rio de Janeiro e realizado em Niterói em agosto. Com a peça "A MORTA", o Divulgação conquista a primeira colocação merecendo o Troféu Sesquicentenário da Independência conferido ao espetáculo vencedor, além do Troféu Melhor Atriz Coadjuvante.

— Espetáculos de cunho didático realizados no mês de junho: "BELMIRO, MURILO E PEDRO NAVA" e "CAMÕES, CANTO DE UMA CANÇÃO", apresentados no Cine-Teatro Central, Reitoria da UFJF, Fundação Educacional do Bem-Estar do Menor e na Academia de Comércio.

— Ciclo de estudos sobre Bertold Brecht, sua obra e seu método, e sobre Teatro Brasileiro.

— Apresentação de "O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO", de Coelho Netto, de 8 a 18 de dezembro, inaugurando o teatro da extinta EXPO-SEC da Secretaria da Educação e Cultura da PMJF.

— Prêmio Municipal de Teatro: Melhor Grupo, Melhor Ator, Melhor Atriz, Melhor Ator Coadjuvante, Melhor Atriz Coadjuvante, Atriz Revelação, Melhor Diretor, Ator Revelação, Melhor Figurino.

— 1973 —

— Criação do Departamento de Teatro Infantil.

— Seminário de teatro infantil com os seguintes temas: Importância do Teatro Infantil, Teatro de Crianças e Teatro para Crianças, Teatro de Bonecos, Teatro de Sombras, Autores Infantis, realizado no mês de fevereiro.

— Montagem da peça infantil "A ONÇA DE ASAS", de Walmir Ayala, nos meses de maio e junho, que contou com a presença do autor e de Paschoal Carlos Magno.

— Ciclo de Estudos sobre Federico Garcia Lorca, no mês de maio.

— Curso Valores do Teatro para universitários no mês de março.

— Montagem de "YERMA", de Federico Garcia Lorca, com música especialmente composta por Maurício Tapajós, que esteve presente à estréia da peça no dia 22 temporada até 30 de junho.

— Curso Valores de Teatro para universitários e novamente para secundaristas no mês de maio.

— Ciclo de estudos sobre Bertold Brecht, em agosto.

— Ciclo de estudos sobre a Revolução Francesa e leitura de "MARAT SADE" de Peter Weiss.

— Montagem da peça "SEIS PERSONAGENS À PROCURA DE UM AUTOR", de Pirandello, de 6 a 25 de novembro.

— I Festival Nacional de Teatro Amador (FENATA), promovido pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Paraná, no mês de novembro. Com a peça "SEIS PERSONAGENS À PROCURA DE UM AUTOR", o Grupo Divulgação recebe oito dos nove prêmios oferecidos, respectivamente: melhor espetáculo, diretor, ator, atriz, figurino, iluminação, atriz coadjuvante e melhor cenário.

— Prêmio Municipal de Teatro: Melhor Grupo, Ator Revelação e Melhor Figurino.

- Ensaios e preparação para a montagem de "CANCIONEIRO DE LAMPIÃO", de Nertham Macedo, em adaptação de José Luiz Ribeiro, em janeiro para apresentação na BARCA DA CULTURA no mês de fevereiro.
- Ensaios e preparação dos espetáculos de fantoche, "MARIQUITA DOS GIRASSÓIS" e "UM FOGUETE MUITO DOIDO", para apresentação na BARCA DA CULTURA.
- Saída para a BARCA DA CULTURA, em fevereiro, com os espetáculos "CANCIONEIRO DE LAMPIÃO" — "MARIQUITA DOS GIRASSÓIS" e "UM FOGUETE MUITO DOIDO" (fantoques). PERCURSO: Pirapora, São Romão, São Francisco, Januária, Manga, Carinhanha, Bom Jesus da Lapa, Pratinga, Ibotirama, Morpará, Barra, Xique-Xique, Remanso, Casa Nova, Maria da Cruz, Juazeiro, Petrolina, Salgueiro, Juazeiro do Norte, Barbalho, Senador Pompeu, Crato, Iguatu, Sobral, Piracuruca, Teresina, Caxias, Codó, São Luiz, Bacabal, Capenema, Belém, Castanhal, Imperatriz, Porto Francisco, Araguiana, Guaraí, Torangatu, Ceres e Brasília.
- Elaboração do texto didático englobando vida e obra do poeta português Fernando Pessoa, organizado para o espetáculo "NAVEGAR É PRECISO" no mês de fevereiro.
- Apresentação no Forum da Cultura, do espetáculo "CANCIONEIRO DE LAMPIÃO", com exposição sobre a figura de Lampião e artesanato nordestino, no saguão do teatro. Temporada de 19 de abril a 01 de maio, recebendo, a apresentação, o autor Nertham Macedo, o Maestro Carlos Eduardo Prates e outras personalidades da vida cultural brasileira.
- Apresentação de "CANCIONEIRO DE LAMPIÃO" em bairros da cidade, um trabalho de levar o teatro ao povo. São Bernardo, Jóquei Clube, Vila São Benedito e Linhares, com um espetáculo realizado na FEBEM, foram os locais visitados.
- O Departamento de Teatro Infantil dá início a um trabalho centrado na criança através de espetáculos de bonecos, intercalados com canções infantis com gestual coreográfico e concluído por orientação direta sobre a confecção e manuseio dos fantoches. Os trabalhos foram apresentados durante todo o ano na sala de ensaios do Grupo Divulgação, no Forum da Cultura, especialmente adaptada para o acontecimento.
- Participação no VIII Festival de Inverno, promovido pela UFMG com a apresentação do espetáculo "SEIS PERSONAGENS À PROCURA DE UM AUTOR", no mês de junho, nas cidades mineiras de Ouro Preto, Itabira, Sabará, Belo Horizonte, São João Del Rei e Santa Luzia.

- Participação no Festival Nacional de Teatro de São João Del Rei e no Seminário sobre Ensino do Teatro no Brasil, no mês de junho.
- Curso de Formação de Ator, englobando as áreas de Expressão Corporal, Sensibilização, Técnica e Expressão Vocal, Interpretação, Improvisação e Expressão Dramática, no mês de setembro. O trabalho teve como base os métodos de Stanislavski, Brecht, princípios de Grotovski e Comédia Dell'Arte e se apoiou no texto elaborado sobre Fernando Pessoa, complementado por ciclo de estudos.
- Adaptação do texto de Gil Vicente "A FARSA DO VELHO DA HORTA", para espetáculo de bonecos no mês de agosto.
- Ensaios e preparação para a montagem de "AS CRIADAS", de Jean Genet, no mês de julho, precedida de Ciclo de Estudos sobre a obra do autor e sobre Teatro do absurdo.
- Apresentação no Forum da Cultura da peça "AS CRIADAS", de Jean Genet, de 17 a 29 de setembro, com exposição sobre cenografia tcheca, baseada nos trabalhos apresentados na Bienal de Praga e cedida pelo Serviço Nacional de Teatro.
- Participação do Diretor de Espetáculos do Grupo Divulgação, Prof. José Luiz Ribeiro, no I ENCONTRO NACIONAL DE DIRETORES DE TEATRO AMADOR, realizado em Petrópolis, quando foi eleito representante de Minas Gerais na Regional de Teatro Amador.
- Preparação e estudos de fundamentação para a montagem de mais uma peça infantil, centrados no texto "O CIRCO DE BONECOS", de Oscar Von Pfuhl com a participação de novos elementos e incluindo trabalhos experimentais, para apresentação em 1975.
- Apresentação de espetáculos de fantoches no Clube do Papo, em comemoração ao Dia da Criança, em 20 de outubro.
- Apresentação de espetáculos de fantoches aberto ao público realizado no Parque Halfeld, em comemoração ao Dia da Criança, em promoção conjunta com a Rádio Industrial.
- Apresentação de espetáculo de fantoches na Associação Atlética Banco do Brasil, em comemoração ao Dia da Criança.
- CURSO SOBRE TEATRO BRASILEIRO - sob os auspícios da UFJF, coordenação do Serviço Nacional de Teatro e promoção do Grupo Divulgação, no Colégio Magister, realizado no mês de novembro. O curso constou de palestras proferidas

por alguns dos mais importantes nomes do Teatro Brasileiro da atualidade: Barbara Heliodora, professora de Teatro da FEFIEG, doutora em Shakespeare, ex-presidente do Serviço Nacional de Teatro (Movimento Precursores e Panorama Atual do Teatro Brasileiro); Flávio Rangel, diretor Teatral, responsável por importantes montagens do teatro brasileiro (O Diretor no Teatro Brasileiro); Ari Fontoura, ator profissional participante de vários espetáculos - marco do Teatro Brasileiro, entre os quais ONDE CANTA O SÁBIA, de Gastão Tojeiro, sob direção de Paulo Afonso Grisoli, e destacado por seu desempenho em papéis característicos na televisão (O Ator no Teatro Brasileiro). O curso ainda contou com a participação do Prof. José Luiz Ribeiro, responsável pela apresentação do tema "O Autor no Teatro Brasileiro".

— 1975 —

- Realização do curso "Valores do Teatro", no mês de janeiro, constando de cinco palestras em torno dos temas: O Ator, O Texto Teatral, A Direção, A Cenografia, O Espetáculo.
- Realização de um curso de seis meses de Formação de Ator, com laboratórios de interpretação, expressão corporal e expressão vocal realizados diariamente com aplicação prática em trabalhos sobre o texto como: "A SOMBRA DO DESFILADEIRO" e "A CAVALGADA PARA O MAR", de Synge.
- Participação no Festival Nacional de Teatro para Estudantes, em Arcozelo, com o espetáculo, "O CIRCO DE BONECOS", de Oscar Von Pfuhl no mês de fevereiro.
- Apresentação de "O CIRCO DE BONECOS", de Oscar Von Pfuhl, em Juiz de Fora, no Forum da Cultura, no mês de março e abril.
- Realização do Seminário O ATOR E SUA EXPRESSÃO, realizado no Forum da Cultura, sala do Grupo Divulgação.
- Curso - "O teatro na educação", realizado em colaboração com a UFJF e o Serviço Nacional de Teatro, com palestras proferidas por Amicy Santos, Martha Rosman, Clovis Levy, Ana Maria Machado e José Arrabal, realizado em abril e maio.
- Inauguração de um pequeno teatro de bolso do Grupo Divulgação destinado à montagem de textos experimentais e a formação de atores, inaugurado no mês de junho.
- Apresentação do Ciclo do Absurdo, espetáculo reunindo um audiovisual sobre Teatro do Absurdo e a montagem dos textos "A MENINA CASADOIRA", de

Eugène Ionesco e "PIC-NIC NO FRONT", de Fernando Arrabal, como conclusão do Curso de Formação de Ator, no mês de junho.

- Participação no IX Festival de Inverno, dentro do Festival Nacional de Teatro Infantil realizado em Belo Horizonte.
- Apresentação do espetáculo "ARLEQUIM SERVIDOR DE DOIS AMOS", de Carlo Goldoni, no Forum da Cultura, 29 e 30 de agosto e de 1 a 15 de setembro.
- Realização de Ciclo de Estudos sobre a obra de Albert Camus, e leitura de CALÍGULA, de Camus.
- Realização de Curso de Formação de Ator.
- Participação no Festival Nacional de Teatro Amador promovido pela FENATA, com a apresentação de "ARLEQUIM SERVIDOR DE DOIS AMOS", de Carlo Goldoni, no Teatro Marília, em Belo Horizonte.
- Orientação de espetáculos realizados por elenco de adolescentes e apresentação de "O VASO SUSPIRADO", de Francisco Pereira da Silva, "A VISITA", texto de criação coletiva, e do Show Musical PEQUENO ROTEIRO DA MPB.

— 1976 —

- Realização de seminário sobre Albert Camus.
- Realização de Palestras sobre CALÍGULA, e O PENSAMENTO DE CAMUS nos colégios Stella Matutina, Magister e na Biblioteca Central da Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Montagem de "CALÍGULA", de Camus, e apresentação em Santos Dumont, Juiz de Fora, São João Del Rei e São João Nepomuceno.
- Exposição sobre Albert Camus, e sua obra no Forum da Cultura durante a temporada de CALÍGULA em Juiz de Fora, no mês de maio.
- Participação em Seminário sobre Constantin Stanislavski, realizado em Belo Horizonte.
- Montagem e apresentação da peça "GUERRA MAIS OU MENOS SANTA", de Mário Brasini, de 12 a 21 de novembro, em Juiz de Fora, Belo Horizonte e várias cidades do interior mineiro.

— 1977 —

- “Curso de Formação de Ator” realizado no Forum da Cultura, no mês de março.
- Apresentação de “LIÇÃO DE MOLIÈRE” e “SGANARELLO”, de Molière, espetáculo didático, em direção de Lucas Marques do Amaral e José Luiz Ribeiro, no mês de junho, no Forum da Cultura.
- Apresentação de “PEDREIRA DAS ALMAS”, de Jorge Andrade, no Forum da Cultura, de 17 a 31 de agosto e preparação de “A Flor da Pele”, de Consuelo de Castro e “Mortos sem sepultura”, de Jean-Paul Sartre.
- Apresentação de “PEDREIRA DAS ALMAS”, de Jorge Andrade, no II Festiminas, em setembro.

— 1978 —

- Montagem de “ESTÓRIA DE LENÇOS E VENTOS”, de Ilo Krugli, durante o primeiro e segundo semestre.
- Curso “Painel do teatro contemporâneo”, em agosto.
- Debate: A função do teatro infantil.
- Estréia em 1º de setembro, de “SÓ O FARAÓ TEM ALMA”, de Silveira Sampaio, em Uberaba, durante o III Festiminas.
- Curso de “Formação de Ator”, em setembro.
- Temporada de “SÓ O FARAÓ TEM ALMA” e “ESTÓRIA DE LENÇOS E VENTOS”, em Juiz de Fora, em setembro e outubro.

— 1979 —

- Curso de formação de ator.
- Montagem de “NEM TUDO ESTÁ AZUL NO PAÍS AZUL”, de Gabriela Rabelo, no Forum da Cultura, em abril, maio e junho.
- Campanha em benefício da Aldeia de Arcozelo.

- Apresentação da peça medieval “A FARSA DO MESTRE PATHELIN”, no Instituto Granbery.
- Temporada de “O BEIJO NO ASFALTO”, de Nelson Rodrigues, durante 6 semanas no Forum da Cultura.
- Apresentação de “MAIS QUE PAPEL, SEU BACHAREL”, de José Luiz Ribeiro, em temporada no Forum da Cultura, de 7 a 18 de novembro.

— 1980 —

- Curso de “Formação de Ator”, em março.
- Maio, estréia de Guairaká – a lenda encantada do fim da noite e começo do dia – de José Luiz Ribeiro, temporada em maio e junho.
- Participação no V Festiminas com “GUAIRAKÁ” e “ESTADO DE SÍTIO”, em agosto.
- Estréia e temporada de “O ESTADO DE SÍTIO”, de Albert Camus, maio e junho.
- Estréia nacional de “O BOCA DO INFERNO”, de Marcus Vinícius, temporada em outubro e novembro.

— 1981 —

- Maio - Estréia de “O EMBARQUE DE NOÉ”, de Maria Clara Machado, temporada em maio e junho.
- Maio - Estréia de “A MANDRÁGORA”, de Maquiavel, temporada maio e junho.
- Julho - Participação no VI Festiminas, em Ouro Preto.
- Agosto - Curso - Cultura Teatral.
Formação de ator
- Novembro - Estréia de “DONA BARATINHA”, de José Luiz Ribeiro.

— 1982 —

- Estréia de "O REI DA VELA" de Oswald de Andrade, temporada em maio, junho e julho, no Forum da Cultura.
- Julho, participação no VII Festiminas, com "O REI DA VELA", em Coronel Fabriciano.
- Agosto, apresentação de "O REI DA VELA", em Viçosa e Ouro Preto.
- Outubro, estréia de "A GEMA DO OVO DA EMA", de Sylvia Orthoff, apresentação no Forum da Cultura, em outubro, novembro e dezembro.
- Novembro, estréia de "COMO SE FAZIA UM DEPUTADO", de França Júnior, apresentação em novembro e dezembro.
- Dezembro, apresentação de "A GEMA DO OVO DA EMA", no Instituto Granbery, encerrando a I Colônia de Férias.

— 1983 —

- Curso de Iniciação ao Teatro, realizado no Forum da Cultura, no mês de março constando de dois módulos. O Módulo I foi realizado com palestras e debates sobre os seguintes temas: O teatro e o homem; O teatro e a sociedade; O espetáculo; O papel do ator e O teatro e a comunidade. O Módulo II constou de uma parte prática envolvendo: a) Linguagem Postural; b) Expressão Vocal; c) Treinamento Corporal e Interpretação.
- Seminário: Os caminhos do teatro - com os seguintes temas e expositores: "Os caminhos do teatro amador", por Ronaldo Boschi, presidente da FETEMIG; "Os caminhos do teatro na escola e da escola no teatro", por Pedro Paula Cava, diretor da "Oficina de Teatro", de Belo Horizonte; "Os caminhos do teatro popular", por Maria Helena Kuhner, autora de teatro infantil e para adultos; "Os caminhos do teatro infantil", por Benjamim Santos, autor e diretor de teatro, no Rio de Janeiro. O seminário foi realizado em 26 e 27 de março, comemorando o Dia Internacional do Teatro.
- "A COLCHA DO GIGANTE", de Zuleika Mello, espetáculo infantil que cumpriu carreira nos meses de maio, junho e princípio de julho, tendo estreiado em 7 de maio, no Forum da Cultura, em sessão especial para educadores.

- "Dr. GETÚLIO, SUA VIDA E SUA GLÓRIA", de Dias Gomes e Ferreira Gullar, estreiado em 25 de maio, no Forum da Cultura com temporada até princípio de julho.
- Participação no VIII Festiminas, com "A COLCHA DO GIGANTE" e "Dr. GETÚLIO" e um espetáculo experimental "Os Caminhos do Homem", no mês de julho, em Lavras.
- Curso de interiorização, segundo Stanislavski, realizado no Forum da Cultura, durante o mês de agosto, como preparação do elenco para montagem de "O JARDIM DE CEREJEIRAS", de Tchekhov.



“Desprezo a preguiça, assim como desprezo a fraqueza e a apatia dos movimentos da alma. Para viver bem, como um homem digno desse nome, é preciso trabalhar, trabalhar com amor, com fé.”

(Carta a um amigo - Tchekhov)

Tchekhov trouxe à arte do teatro aquela verdade profunda que serviu de fundamento ao que mais tarde veio a se chamar o método Stanislavski.

(Stanislavski)

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

GRUPO DIVULGAÇÃO

apresenta

O JARDIM DE CEREJEIRAS

Lopakin	José Renato Pipa
Daniacha	Gisela Barbosa
Epihódov	Felipe Soares
Ania	Vanja Franco de Battisti
Liubov	Iêda Alcântara
Vária	Valéria Veiga Penna
Carlota Ivanovna	Alice Freesz
Gaiev	Thadeu Evangelista
Simeonov	Carlos José dos Santos
Iacha	Guy Schmidt
Firs	Marcos Venício Cordeiro
Trofimov	Marcos Orione
Caminhante	Evaristo de Castro
Aderecistas	Rosângela Dilly, Regina Mello, Maria Teresa Carvalho, Reginaldo Neiva, Mariles Reis e Ângela Loures
Contra-regra	João Ricardo Luz e Dilceu Adonis
Iluminação	Oswaldo Alvarenga
Sonoplastia	Fátima Amorim
Figurino	Malu Rocha Ribeiro
Texto	Anton Tchekhov
Tradução	Francisco Pontes de Paula Lima
Cenário e Direção	José Luiz Ribeiro

GRUPO DIVULGAÇÃO

trabalhos apresentados:

espetáculos antológicos:

amor em verso e canção
o homem do século XX
antologia da mulher

apresentação didática:

morte e vida severina, de joão cabral de mello neto
coral universitário
belmiro, murilo, pedro nava
camões
a menina casadoira, de Ionesco
pic-nic no front, de Arrabal
sganarello, molière
lição de molière, de josé luiz ribeiro
a farsa do mestre pathelin

departamento de teatro infantil:

A onça de Asas
Circo de Bonecos
Estória de lenços e ventos
Nem tudo está azul no país azul
Guairaká
O embarque de Noé
D. Baratinha
A gema do ovo da ema
A colcha do gigante

walmir ayala
oscar von pfuhl
ilo krugli
gabriela rabelo
josé luiz ribeiro
maria clara machado
josé luiz ribeiro
sylvia orthoff
zuleika mello

Outros espetáculos:

cancioneiro de lampião
o urso
bodas de sangue
electra
diário de um louco
pequenos burgueses
a visita da velha senhora
escola de mulheres
escurial
romanceiro da inconfidência
maria stuart
a morta
o patinho torto
yerma
seis personagens a procura de um autor
as criadas
arlequim servidor de dois amos
calígula
guerra mais ou menos santa
pedreira das almas
só o faraó tem alma
o beijo no asfalto
mas que papel, seu bacharel!
o estado de sítio
boca do inferno
a mandrágora
o rei da vela
como se fazia um deputado
dr. getúlio, sua vida e sua glória
o jardim de cerejeiras

nertan macêdo
anton tchekhov
federico garcía lorca
sófocles
nicolai gogol
máximo gorki
friedrich durrenmatt
molière
michel de ghelderode
cecília meireles
friedrich von schiller
oswald de andrade
coelho netto
federico garcía lorca
luigi pirandello
jean genet
carlo goldoni
albert camus
mário brasini
jorge andrade
silveira sampaio
nélson rodrigues
josé luiz ribeiro
albert camus
marcus vinícius
maquiavel
oswald de andrade
frança júnior
dias gomes e ferreira gullar
anton tchekhov

"A maioria dos intelectuais que eu conheço não procura nada, não faz nada e até agora tem-se mostrado incapaz ante qualquer trabalho."

(Tchekhov - O jardim de cerejeiras)



AGRADECIMENTOS:

Prof. Márcio Leite Vaz
Magnífico Reitor da UFJF

Prof. Virgílio de Assis Pereira da Silva Júnior
Pró-Reitor de Assuntos Comunitários

Dr. Antônio José Cedrola
Departamento de Assuntos Comunitários

Delma Rocha Ono
Responsável pelo Forum da Cultura

Sr. José Walter de Andrade Ávila
Responsável pela Imprensa Universitária

Pessoal da Imprensa Universitária

Dr. Reginaldo Arcuri
Superintendente da Funalfa

Meios de comunicação e aos que acreditam que
"Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro".

(Lorca)